

Concepções de Linguagem em um Livro Didático do 9º ano

Lunna Gabriella Neves Lima (UFPA)¹
Márcia Cristina Greco Ohuschi (UFPA)²

RESUMO

A pesquisa aqui relatada foi realizada através da análise de um livro didático de língua portuguesa do ano de 2012, produzido para o 9º ano, pertencente à coleção de Sucesso Sistema de Ensino. O foco de análise foi a seção estudo do texto, a fim de verificar a qual concepção de linguagem as atividades estão atreladas, detendo-se uma a uma, observando as demandas contidas nas questões, o modo como elas direcionam o aluno para um tipo de resposta. Após o processo, observou-se que a concepção predominante é a linguagem como forma de interação, contudo a linguagem como instrumento de comunicação também se manifesta de maneira expressiva.

Palavras-chave: Ensino de língua portuguesa. Análise de Livro didático. Concepção de linguagem

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho tem como contexto de produção o ambiente acadêmico, em uma turma de graduandos, o objetivo é analisar uma seção de exercícios em um livro didático de Língua Portuguesa. Busca-se identificar quais concepções de linguagem fundamentam as atividades propostas, uma vez que a qualidade do material didático influencia diretamente o ensino e a aprendizagem dos estudantes brasileiros.

Ao avaliar a concepção de linguagem presente no livro didático, é de suma importância considerar o ano de sua publicação e as diretrizes curriculares vigentes à época. Em 2012, os livros eram produzidos com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e nas orientações das redes de ensino, pois a BNCC ainda não havia sido implementada. Dessa forma, as escolhas teóricas e metodológicas do material analisado refletem as normas educacionais daquele período, não sendo uma responsabilidade exclusiva das editoras, mas sim das políticas educacionais em vigor.

Este trabalho apoia-se em Geraldi (1984), Ohuschi e Amorim (2011), Perfeito (2010), Zanini (1999). Para essa pesquisa, utilizamos um livro didático de 9º ano, de 2012, da rede de ensino privada, da editora Sistema de Ensino Sucesso. Analisamos os exercícios da página 130 a 131, que sucedem o texto *O fim do mundo* da página 128, de Cecília Meireles. O exercício é dividido em três seções: *vocabulário*, *estudo do texto* e *ponto de vista*, do qual analisaremos apenas o *estudo do texto*.

O relato de experiência está organizado em duas seções, além das considerações iniciais, considerações finais e referências bibliográficas, sendo que na primeira apresenta-se o embasamento teórico e na segunda, a análise do exercício.

1 AS CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM

Publicado originalmente em 1929, *Marxismo e filosofia da linguagem* apresenta uma visão sociológica da linguagem proposta por Volóchinov (2009), critica o subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato, em contrapartida, propõe a interação verbal como ideal aos estudos linguísticos. A interação verbal corresponde à visão de que a língua apenas existe por meio de enunciados individuais e é empregada com valores ideológicos.

O subjetivismo idealista é a expressão empregada por Volóchinov e membros do Círculo de Bahktin para nomear uma corrente do pensamento linguístico que se interessa, sobretudo, por observar a língua como uma atividade de criação individual, entende-se que o sistema das regras da língua apenas existe porque os sujeitos a modificam constantemente. O objetivismo abstrato desconsidera os sujeitos enunciadorees e os enunciados efetivamente realizados, procura-se regras abstratas por trás do que foi efetivamente falado ou escrito.

No Brasil, essas concepções de linguagem foram renomeadas por Geraldi (1984) e trazidas ao contexto histórico de ensino de língua materna do país, elas foram chamadas: linguagem como expressão de pensamento, linguagem como instrumento de comunicação e linguagem como forma de interação.

Segundo Zanini (1999), a interação do ser humano com o seu contexto e com os seus semelhantes o faz evoluir. Na sala de aula não é diferente, o professor irá contribuir para formação crítica do aluno. Portanto, não pode estar preso a práticas pedagógicas ultrapassadas. Nesse sentido, Geraldi (1984, p. 39) também afirma:

[...]Mas acreditamos também que, no interior das contradições que se presentificam na prática efetiva de sala de aula, poderemos buscar um espaço de atuação profissional em que se delineie um fazer agora, na escola, que temos, alguma coisa que nos aproxime da escola que queremos, mas que depende de determinantes externos aos limites da ação da e na própria escola.

O avanço na educação depende de vários fatores. Nesse sentido, os livros didáticos têm um papel importante na sala de aula, pois influenciam a forma como o professor media o conhecimento. Por isso, é essencial que os livros sigam a concepção de linguagem como forma de interação, que favorece a participação ativa dos alunos no aprendizado.

2 A LINGUAGEM COMO EXPRESSÃO DO PENSAMENTO

A concepção da linguagem como expressão do pensamento remonta a tradição gramatical grega, sendo suplantada somente pelo estruturalista Saussure (1969). A concepção sustenta que a linguagem é a tradução do pensamento, produzido internamente e articulado conforme e a organização lógica do pensamento. (Perfeito, 2010).

No Brasil, de acordo com Zanini (1999), a referida concepção era prevalente no ensino da língua materna até a década de 1960; contudo, mesmo nos dias atuais, é possível encontrar práticas pedagógicas pautadas apenas nessa concepção de linguagem.

Como destaca Perfeito (2010), a gramática normativa era o sustentáculo das práticas pedagógicas, com atividades de conceituação, prescrição e classificação de elementos, porém descontextualizadas da leitura e produção textual. A leitura voltava-se para a extração de sentidos fixados pelo autor do texto, ou pelo próprio professor, e também para a proficiência da oratória. O tema da produção textual era dado sem discussões e leituras prévias para

fundamentar a escrita, outra vez, para provar o seu domínio gramatical, pois quem pensa bem de igual maneira sabe escrever bem.

Segundo Zanini (1999), distinguiam-se os alunos entre aqueles que acertam e os que erram as regras, pois através do domínio da metalinguagem se sabia português. O professor era considerado detentor do conhecimento e o aluno um mero receptáculo; muitas vezes, o saber adquirido não tinha utilização prática no contexto de vivência do aluno.

3 A LINGUAGEM COMO INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO

A segunda concepção tem suas bases na teoria de Saussure. A língua é vista como um código, capaz de transmitir uma mensagem de um emissor a um receptor, isolada de sua utilização. No Brasil, prevaleceu na década de 1970, no período de Ditadura Militar (Perfeito, 2010).

Conforme a autora, na leitura, havia a decodificação do texto da parte mais específica para a mais geral, com a interpretação do autor do livro didático como vista única. A produção textual feita a partir da tipologia tradicional é típica da segunda concepção, havia um apego a organização padrão de narração, descrição e dissertação, sem levar em conta que a linguagem é dinâmica depende do contexto em que é usada. Com base no behaviorismo, manifestava-se a busca pela internalização inconsciente da gramática, focado em exercícios estruturais morfossintáticos (Perfeito, 2010).

Segundo Ohuschi e Amorim (2011), nessa concepção de linguagem, uma construção era gramatical se seguisse as regras de funcionamento da língua em alguma de suas variedades, sem precisar obedecer ao modelo padrão.

Zanini (1999) aponta que, durante essa época, o uso do livro didático se popularizou, trazendo respostas prontas que o professor deveria seguir, o que resultava em um ensino-aprendizagem descontextualizado e superficial. Esse modelo de ensino levou ao processo de esvaziamento do conhecimento tanto dos alunos quanto dos professores, já que a aprendizagem não se dava por meio da reflexão crítica ou da interação. Nessa concepção preconizavam-se atividades mecânicas de reprodução e repetição de modelos.

4 A LINGUAGEM COMO FORMA DE INTERAÇÃO

A concepção interacionista de linguagem foi proposta pelo Círculo de Bakhtin, conforme Perfeito (2010), para o estudioso a linguagem é um fenômeno social que se desenvolve nas interações, tornando o diálogo essencial. Isso se reflete nos estudos linguísticos, que deixam de focar exclusivamente nas frases para analisar o discurso, os gêneros e os textos em sua relação com o contexto. No ensino, essa perspectiva exige a valorização da diversidade de gêneros discursivos e de suas condições de produção, percebendo que a construção do sentido ocorre na interação entre interlocutores, e não de forma isolada.

A autora também aponta que os exercícios devem associar leitura, produção textual e análise linguística. A leitura abre espaço para o confronto e comparações de interpretações, sendo o leitor tão importante quanto o texto e o autor; a escrita se dá após a discussão e análise do gênero, sendo o texto produto do contexto em que autor/aluno está inserido; a análise linguística mobiliza-se em forma de reflexão eplinguística.

Zanini (1999) discorre sobre essa concepção falando sobre o seu desenvolvimento no Brasil nas décadas de 1980 e 1990. Passou-se a reconhecer o aluno como detentor do conhecimento, sendo ele, um interlocutor do professor; o ensino é orientado pela visão política dos professores, pois a linguagem não pode ser dissociada das relações sociais e da ideologia. A ideia de certo e errado foi substituída pelo princípio de adequação e inadequação linguística.

Ainda nesse sentido, a autora aponta que inicialmente, com a adoção da concepção de linguagem como forma de interação pensava-se que o estudo da gramática deveria ser abolido das práticas pedagógicas, mas na verdade, é necessário que esteja contextualizado com outras atividades. Ademais, pressupõe-se o trabalho do professor associando a variedade linguística à tradição gramatical, onde há a interação entre prática e teoria.

5 APRESENTAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO E ANÁLISE DO MATERIAL DIDÁTICO

O material escolhido para análise pertence à coleção de Língua Portuguesa, do Sistema de Ensino Sucesso. É um livro que atende ao 9º ano do ensino fundamental e que tem como autores Belarmina Monteiro Arrais e Volney da Silva Ribeiro. O Material didático está organizado em 15 capítulos, subdivididos nas seguintes seções: Texto; Vocabulário; Estudo do texto; Ponto de vista, Gramática. Para fins de análise deste trabalho, o *corpus* escolhido foi o Capítulo 9 do referido material, o qual aborda um texto intitulado *O fim do mundo*, da escritora brasileira Cecília Meireles, extraído do livro “*Quatro Vozes*” publicado em 1998.

As atividades referentes ao texto são divididas em três seções: vocabulário, estudo do texto e ponto de vista. Para a exposição e análise no artigo, optou-se por utilizar a seção nomeada como *estudo do texto*.

A seguir, será apresentado o conteúdo do livro, as atividades propostas na seção "Estudo do Texto", seguidas de uma análise crítica, com base nos conceitos teóricos sobre as concepções de linguagem.

O fim do mundo

A primeira vez que ouvi falar no fim do mundo, o mundo para mim não tinha nenhum sentido, ainda; de modo que não me interessava nem o seu começo nem o seu fim. Lembro-me, porém, vagamente, de umas mulheres nervosas que choravam, meio desgrenhadas, e aludiam a um cometa que andava pelo céu, responsável pelo acontecimento que elas tanto temiam.

Nada disso se entendia comigo: o mundo era delas, o cometa era para elas: nós, crianças, existíamos apenas para brincar com as flores da goiabeira e as cores do tapete.

Mas, uma noite, levantaram-me da cama, enrolada num lençol, e, estremunhada, levaram-me à janela para me apresentarem à força ao temível cometa. Aquilo que até então não me interessava nada, que nem vencia a preguiça dos meus olhos pareceu-me, de repente, maravilhoso. Era um pavão branco, pousado no ar, por cima dos telhados? Era uma noiva, que caminhava pela noite, sozinha, ao encontro da sua festa? Gostei muito do cometa. Devia sempre haver um cometa no céu, como há lua, sol, estrelas. Por que as pessoas andavam tão apavoradas? A mim não me causava medo nenhum.

Ora, o cometa desapareceu, aqueles que choravam enxugaram os olhos, o mundo não se acabou, talvez eu tenha ficado um pouco triste – mas que importância tem a tristeza das crianças?

Passou-se muito tempo. Aprendi muitas coisas, entre as quais o suposto sentido do mundo. Não duvido de que o mundo tenha sentido. Deve ter mesmo muitos, inúmeros, pois em redor de mim

as pessoas mais ilustres e sabedoras fazem cada coisa que bem se vê haver um sentido do mundo peculiar a cada um.

Dizem que o mundo termina em fevereiro próximo. Ninguém fala em cometa, e é pena, porque eu gostaria de tornar a ver um cometa, para verificar se a lembrança que conservo dessa imagem do céu é verdadeira ou inventada pelo sono dos meus olhos naquela noite já muito antiga.

O mundo vai acabar, e certamente saberemos qual era o seu verdadeiro sentido. Se valeu a pena que uns trabalhassem tanto e outros tão pouco. Por que fomos tão sinceros ou tão hipócritas, tão falsos e tão leais. Por que pensamos tanto em nós mesmos ou só nos outros. Por que fizemos voto de pobreza ou assaltamos os cofres públicos — além dos particulares. Por que mentimos tanto, com palavras tão judiciosas. Tudo isso saberemos e muito mais do que cabe enumerar numa crônica.

Se o fim do mundo for mesmo em fevereiro, convém pensarmos desde já se utilizamos este dom de viver da maneira mais digna.

Em muitos pontos da terra há pessoas, neste momento, pedindo a Deus — dono de todos os mundos — que trate com benignidade as criaturas que se preparam para encerrar a sua carreira mortal. Há mesmo alguns místicos — segundo leio — que, na Índia, lançam flores ao fogo, num rito de adoração.

Enquanto isso, os planetas assumem os lugares que lhes competem, na ordem do universo, neste universo de enigmas a que estamos ligados e no qual por vezes nos arrogamos posições que não temos – insignificantes que somos, na tremenda grandiosidade total.⁴

Ainda há uns dias a reflexão e o arrependimento: por que não os utilizaremos? Se o fim do mundo não for em fevereiro, todos teremos fim, em qualquer mês.

Cecília Meireles

Texto extraído do livro **Quatro Vozes**, Distribuidora Record de Serviços de Imprensa: Rio de Janeiro, 1998, pág. 73.

Estudo do texto

1. O texto que você acabou de ler é um conto, uma crônica ou uma reportagem de jornal? Justifique sua resposta.

A concepção de linguagem como instrumento de comunicação é predominante na questão, pois ela requer uma informação que foi explicitamente dada pelo autor do texto no trecho “[...] Tudo isso saberemos e muito mais do que cabe enumerar numa crônica” e conforme Zanini (1999) os exercícios da referida concepção de linguagem, estimulam a repetição de modelos, sem reflexão crítica. Contudo, a atividade também se assemelha a concepção de linguagem

como forma de pensamento, haja vista que ao pedir ao aluno justificar a sua resposta, ele terá que buscar um conhecimento prévio sobre as características dos gêneros discursivos referidos, no entanto, essas informações não são fornecidas na seção em que o texto de Cecília Meireles se encontra.

2. Na segunda linha do texto, temos a palavra ainda, indicando:

() que a personagem já fazia ideia do que era o fim do mundo.

() que ele teria, no futuro, um sentido para o mundo.

() que talvez, no futuro, ela teria um sentido para o mundo.

() que ela não se interessava pelo fim do mundo.

Essa questão corresponde a uma tentativa de terceira concepção de linguagem, pois se aproxima de uma atividade de análise linguística, ao partir do uso de um elemento gramatical. Contudo, não apresenta uma abordagem contextualizada e uma reflexão crítica. Perfeito (2010, p. 28) destaca na seção *Análise Linguística* que:

na mobilização dos recursos linguístico-expressivos, possibilitando a coprodução de sentidos no processo de leitura. Em consequência, registramos que a análise linguística se dá no sentido de se observar em um texto – de determinado(s) gênero(s): o arranjo textual e as marcas linguístico-enunciativas, vinculadas às condições de produção (interlocução, suporte, possíveis finalidades, época de publicação e circulação), no processo de construção de sentidos;

A partir desse texto, é possível notar que a questão não incentiva uma análise dos recursos linguístico-expressivos associado às condições de produção.

3. Quem temia o fim do mundo?

A questão reflete a segunda concepção de linguagem, pois, conforme Kato (1987), citada por Perfeito (2010), nessa concepção a leitura ocorre de forma linear e indutiva, baseada na decodificação de unidades menores do texto. Assim, a pergunta formulada pelo autor na questão é direta e busca testar a

compreensão do aluno por meio da identificação de uma informação explícita, sem exigir uma construção interpretativa mais ampla.

4. Como era a existência das crianças segundo o texto?

Esta questão incentiva o aluno a somente copiar o que está no texto, sem uma interpretação mais profunda do material, portanto, pertence à segunda concepção. Zanini(1999, p.81) baseia a análise da concepção apresentada ao destacar que:

Havia, sim, o modelo e os seguidores dos modelos. Com um discurso de que a prática, os exercícios levam à aprendizagem, o enfoque era o incentivo à repetição. Repetição que não era questionada, nem reclamava, aparentemente, uma reflexão.

5. Para as mulheres, o cometa era uma ameaça. E para o narrador-personagem?

Aqui, novamente, há a presença da segunda concepção, pois no trecho “a mim não causava medo nenhum” o narrador-personagem fala diretamente sobre o seu sentimento em relação ao cometa. Ao responder o exercício o aluno não realizará uma interação reflexiva com o texto.

6. A atitude da criança diante da passagem do cometa demonstra:

- () ausência de temor, talvez devido à inocência, desprovida de maldade, que, portanto, faz com que veja no cometa apenas uma manifestação bonita.*
- () uma certa ironia, sobretudo quando faz possíveis comparações.*
- () desdém de quem não está nem aí para o acontecimento.*
- () um pavor velado, disfarçado, contrário às mulheres.*

No trecho do texto “*Por que as pessoas andavam tão apavoradas? A mim não me causava medo nenhum*” é explícita a ausência de temor na criança. Contudo, para relacionar a isso a inocência, desprovida de maldade, é preciso haver um conhecimento prévio sobre o comportamento das crianças, algo que não se encontra no texto. Pode-se basear essa afirmação em Perfeito (2010, p. 26)

Dell'Isola (1996) registra que a leitura, como produção ativa, se realiza quando dá ao texto uma nova vida, provocando um processo criativo de compreensão e interpretação, tendo em vista o leitor, considerado co-produtor do texto. E para que essa co-enunciação se realize, é preciso que se ative todo um processo sóico, abrangente e complexo, que vai desde a percepção do texto pelos olhos e pelo cérebro, de movimentos inferenciais até a interpretação, entendida como a recriação do texto lido.

Portanto, a concepção de linguagem é a interacionista, pois o aluno ao responder à questão terá que interagir com o texto, trazendo o seu conhecimento de mundo para interpretá-lo.

7. *Releia o texto a partir do quinto parágrafo e indique V, para as assertivas verdadeiras, e F, para as falsas.*

() *Para o narrador-personagem, o mundo tem sentido agora.*

() *O narrador-personagem ainda se recorda da passagem do cometa quando criança.*

() *Segundo o narrador, o mundo vai acabar, mas o que dá sentido a isso é como são as suas ações.*

() *O fim do mundo é determinado, e sabemos disso*

A questão está centrada na terceira concepção de linguagem, pois para responder se as assertivas são verdadeiras ou falsas o aluno terá que interagir com o texto, sendo que as respostas não estão explícitas em *O fim do mundo*. Por exemplo:

“O mundo vai acabar, e certamente saberemos qual era o seu verdadeiro sentido. Se valeu a pena que uns trabalhassem tanto e outros tão pouco. Por que fomos tão sinceros ou tão hipócritas, tão falsos e tão leais.” Neste trecho do texto, não está tão perceptível o pensamento do narrador-personagem para ser possível responder “Segundo o narrador, o mundo vai acabar, mas o que dá sentido a isso é como são as suas ações” sem antes interpretar mais profundamente o material.

8. *O que o narrador-personagem deseja dizer na seguinte passagem:*

“...talvez eu tenha ficado um pouco triste - mas que importância tem a tristeza das crianças?”

Assim, é possível perceber que a resposta à questão exige mais do que a simples identificação do significado das palavras, então, pertence a terceira

concepção de linguagem. De acordo com Zanini (1999), essa atitude demanda um processo interpretativo no qual o leitor mobiliza suas experiências e percepções sobre o mundo. Para a autora, compreender o aluno como sujeito da história implica reconhecer que ele traz consigo um saber construído a partir de sua vivência e de sua visão de mundo, ainda que limitada. Da mesma forma, para interpretar a passagem do narrador-personagem, o leitor não se apoia apenas no texto em si, mas ativa seu repertório pessoal para atribuir sentido a frase.

9. O que o narrador-personagem aconselha em relação ao fim do mundo?

A resposta à questão não pode ser obtida apenas por meio da localização de informações explícitas no texto; ela exige uma interpretação que envolva o diálogo entre leitor e discurso, portanto, enfoca-se na terceira concepção de linguagem. Relacionado a isso, Zanini (1999, p.84) destaca que:

O texto passa a ser o ponto de partida e de chegada das atividades lingüísticas que possibilitam tornar os alunos sujeitos capazes de interagir com outros discursos. Criam-se, então, situações de interlocução, de interação, pela linguagem.

10. Para o narrador, quando é o fim do mundo?

Os trechos “se o fim do mundo for mesmo em fevereiro” e “se o fim do mundo não for em fevereiro” estão presentes no livro. Como a informação pode ser encontrada diretamente no texto, sem exigir reflexão ou interpretação mais ampla, essa abordagem se alinha à segunda concepção de linguagem.

11. O que sugere o narrador no último parágrafo do texto?

A questão está sintonizada com a concepção interacionista da linguagem, pois conforme destacou Zanini (1999, p.83), essa concepção possibilita ao aluno perceber que:

[...] a linguagem como produto da vida social, ou seja, a expressão de visões de mundo diferentes, prevendo e antevendo intenções de valores, de julgamento, que estão inseridas em todo e qualquer discurso.

Segundo o texto, é possível perceber intenções em discursos, é o que propõe a atividade ao pedir que o aluno interprete o que o autor do texto quis passar no último parágrafo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a seção *estudo do texto* referente ao texto *O fim do mundo*, de Cecília Meireles, pertencente ao um livro didático de Língua Portuguesa da editora Sistema de Ensino Sucesso, voltado para o 9º ano do ensino fundamental e publicado em 2012, buscou-se verificar a ocorrência das concepções de linguagem nas onze questões que compõem essa parte do material. É importante destacar que esta análise se restringe a uma seção específica do livro, não abrangendo um capítulo inteiro nem outras atividades que poderiam fornecer um panorama mais amplo sobre a abordagem adotada pela obra.

Com base no *corpus* analisado, conclui-se que, embora a terceira concepção de linguagem esteja presente e tenha um papel significativo na atividade, a segunda concepção ainda ocupa um espaço considerável. Como o livro foi produzido antes da implementação da BNCC, suas atividades seguem diretrizes anteriores, o que pode explicar a coexistência dessas concepções. No entanto, espera-se que, com as mudanças curriculares e a necessidade de adequação aos novos parâmetros educacionais, as edições mais recentes da obra apresentem atividades mais alinhadas à terceira concepção da linguagem.

O livro didático tem um papel central na prática docente, funcionando como um recurso essencial para o ensino-aprendizagem. Por isso, sua qualidade e coerência com as diretrizes educacionais vigentes são fundamentais, garantindo que ele seja um facilitador do processo de ensino e não um obstáculo para a formação dos alunos.

REFERÊNCIAS

GERALDI, João Wanderley. **Concepções de linguagem e ensino de português.** In: _____. (org.). *O texto na sala de aula: leitura e produção.* Cascavel: Assoeste, 1997, p. 39-46.

OHUSCHI, Márcia Cristina Greco; AMORIM, Maria do Socorro Sousa de. **Diagnóstico das concepções de linguagem e de gramática nas aulas de**

Língua Portuguesa. *RevLet – Revista Virtual de Letras*, v. 3, n. 1, p. xx-xx, jan./jul. 2011.

PERFEITO, Alba Maria. **Concepções de linguagem, teorias subjacentes e ensino de língua portuguesa.** In: MENEGASSI, Renilson José; SANTOS, Annie Rose dos; RITTER, Lilian Cristina Buzato (orgs.). *Concepções de linguagem e ensino*. Maringá: Eduem, 2010. p. 11-40. (Formação de Professores - EAD; v. 41). ISBN 978-85-7628-284-6.

RIBEIRO, Volney da Silva; ARRAIS, Belarmina Monteiro. *Língua Portuguesa: 9º ano do Ensino Fundamental*. 1. ed. Recife: Distribuidora de Edições Pedagógicas Ltda, 2012. (Coleção Sucesso – Sistema de Ensino).

VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevitch. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** 14. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

ZANINI, Marilurdes. **Uma visão panorâmica da teoria e da prática do ensino de língua materna.** *Acta Scientiarum*, v. 21, n. 1, p. 79-88, 1999.